

O ENFERMEIRO E AS ATIVIDADES COLETIVAS EM UMA UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE DA FAMÍLIA

MIRELA FARIAS PICKERSGILL¹; EDNA MARCIA GRAHL BRANDALIZE SLOB²;
VANESSA DE ARAÚJO MARQUES³; JULIANA FERREIRA DA ROSA⁴;
VINICIUS BOLDT DOS SANTOS⁵; JANAINA QUINZEN WILLRICH⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – mirelapick@hotmail.com

²Centro Universitário Internacional – ednaslob@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – marques.vanessa@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – jufrosa@bol.com.br

⁵Universidade Federal de Pelotas – vini_boldt@yahoo.com.br

⁶Universidade Federal de Pelotas – janainaqwill@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A Estratégia de Saúde da Família (ESF) reorganizou o modelo de assistência à saúde preconizando o desenvolvimento de ações que busquem a integração das equipes de saúde e a população adscrita à Unidade Básica de Saúde (UBS), considerando as características e as finalidades do trabalho de acompanhamento de indivíduos e grupos sociais ou coletividade, bem como o contato permanente com as famílias desenvolvendo ações educativas, com vistas à promoção de saúde e prevenção de doenças e agravos, e de vigilância em saúde, por meio de visitas domiciliares e de ações educativas coletivas e individuais. (BRASIL, 2006)

Nessa perspectiva, as atividades em grupo são uma oportunidade de as pessoas adquirirem condições de desenvolver suas próprias escolhas e mudanças, gradativamente assumindo um papel ativo no processo.

Por ser gestor da ESF, o enfermeiro prioritariamente realiza essas atividades com o objetivo de trazer a comunidade para mais perto de si, conhecendo desta forma a realidade da população adscrita pela unidade de saúde na perspectiva da educação como prática transformadora. (MAZZUCHELLO *et. al.*, 2014)

Este trabalho teve como objetivo problematizar as ações coletivas na ESF, evidenciando os trabalhos em grupo como mecanismos de trabalho do profissional enfermeiro.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um resumo de uma revisão narrativa apresentada como trabalho de conclusão de curso para obtenção do título de especialista em Saúde Pública com ênfase em Saúde da Família do Centro Universitário Internacional – UNINTER, apresentado em agosto de 2017.

A pesquisa foi realizada nas bases de dados Lilacs e Scielo utilizando os descritores “saúde da família” e “atenção primária à saúde”, e as palavras-chave “prevenção em saúde” e “promoção de saúde”, sendo encontrados 388 documentos. Destes, 54 foram excluídos por estarem duplicados. Após, apenas os estudos que possuíam resumo foram selecionados, perfazendo 321 trabalhos. Em seguida, foi realizada leitura individual desses resumos, sendo excluídos os textos que não se relacionavam às ações, projetos ou estudos baseados na promoção ou educação em saúde, totalizando 53 trabalhos.

Posteriormente os artigos foram analisados na íntegra, além de se buscar outras informações pertinentes para a compreensão do desenvolvimento dos estudos relatados e possibilitar a discussão dos resultados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados foram analisados e organizados a partir das categorias: “As ações coletivas em grupos: objetivos e princípios”; “Fatores que dificultam a realização de grupos”; e “O profissional enfermeiro e as atividades em grupo”.

Na primeira categoria, Santos *et. al.* (2006) conceitua os grupos, na perspectiva do trabalho com ações coletivas, como um conjunto de pessoas que interagem com o objetivo de ampliar suas capacidades e alterar comportamentos, favorecendo o desenvolvimento da autonomia e o enfrentamento das situações que ocasionem sofrimentos evitáveis, permitindo assim um maior controle sobre seu contexto social e ambiental.

Deste modo, o grupo é um ato de educar em saúde, que tem por objetivo a promoção de qualidade de vida necessita estar desvinculado de práticas impositivas, prescritivas e que estejam distantes dos sujeitos sociais, afirmando-se em ações voltadas à participação ativa da comunidade, proporcionando informação, educação sanitária e aperfeiçoando as atitudes indispensáveis para a vida (BRASIL, 2007).

Essas estratégias devem compreender ainda a participação popular como fundamento para o exercício da cidadania, que tem como elemento essencial o empoderamento da população, uma vez que o processo de capacitação habilitadora da comunidade busca fortalecer a construção da autonomia e cidadania no controle dos condicionantes e determinantes de saúde. Deve-se ter como finalidade o despertar para o empoderamento e a interação de toda a comunidade na realidade dos serviços de saúde (ROECKER; MARCON, 2011).

Entretanto, para atingir tais objetivos, os grupos precisam se organizar a partir dos princípios da humanização do cuidado, que regem todas ações de saúde. Para tanto, os profissionais de saúde contam com recursos tecnológicos como o acolhimento e o vínculo. Tais recursos representam uma relação estabelecida entre trabalhadores e usuários, para que as ações de saúde sejam mais acolhedoras, ágeis e resolutivas. (COELHO; JORGE, 2009)

O vínculo é entendido como fundamental no serviço de saúde, pois propicia ao usuário exercer seu papel de cidadão, conferindo-lhe maior autonomia no que diz respeito à sua saúde, tendo seus direitos de fala e escolha respeitados, permitindo também ao profissional, conhecer o usuário para que colabore com a integração deste na manutenção de sua saúde e redução dos agravos.

Porém, a realização de atividades de grupo apresenta alguns obstáculos, como a falta de domínio dessa tecnologia pelos profissionais que se propõem a coordenar grupos. Outros fatores que dificultam a realização de grupos são: locais impróprios, pouca participação dos membros do grupo, exigência formal para a sua realização, a centralização no coordenador, conteúdos que despertam pouco interesse, pré-determinação dos temas e ausência de informações técnicas sobre operacionalização de grupos em manuais do Ministério da Saúde, também são apontados como elementos dificultadores para a realização de atividades de grupo. (SILVA *et. al.*, 2009)

Em relação a última categoria, “O profissional enfermeiro e as atividades em grupo”, Gurgel *et. al.* (2011) trazem a enfermagem como uma profissão comprometida com a saúde e qualidade de vida do indivíduo, da família e da coletividade e, como é o profissional mais presente junto aos usuários e na

maioria das ações, está apto a assumir um papel estratégico no desenvolvimento da promoção da saúde, principalmente no que se refere às ações de educação em saúde e práticas educativas.

Assim, são consideradas competências necessárias para a ação educativa do enfermeiro: promover a integralidade do cuidado à saúde; articular teórica e prática, exercitando a práxis no cuidado à saúde; promover acolhimento e construir vínculo com os sujeitos; reconhecer-se e atuar como agente de transformação da realidade em saúde; respeitar a autonomia dos sujeitos em relação aos seus modos de andar a vida; reconhecer e respeitar o saber de senso comum, reconhecendo a incompletude do saber profissional; utilizar o diálogo como estratégia para a transformação da realidade em saúde; operacionalizar técnicas pedagógicas que viabilizem o diálogo com os sujeitos assistido; instrumentalizar os sujeitos com informação adequada; valorizar e exercitar a intersectorialidade no cuidado à saúde. (LEONELLO; OLIVEIRA, 2008)

Dessa forma, o enfermeiro é ator importante no desencadeamento das ações de cuidado coletivo na saúde da família, pois propõe, organiza, desenvolve e avalia tais ações. É necessário que os enfermeiros utilizem estratégias que visem a desenvolver uma visão crítica no indivíduo, de modo que este possa ser participativo no processo de mudança, para que esta seja significativa em seu cotidiano. (OLIVEIRA *et. al.*, 2013)

Ao realizar ações de educação em saúde, o enfermeiro deve buscar a construção compartilhada de conhecimento. Este processo inclui o diálogo, valorização das vivências do usuário, troca de experiências, respeito pelo indivíduo e potencialização da autonomia, contribuindo para a prevenção de doença e para a promoção da saúde (SILVA *et. al.*, 2009; CANDATEN; GERMANI, 2012).

4. CONCLUSÕES

Quanto aos objetivos, as ações em grupo são reconhecidas como um espaço propício para o desenvolvimento de ações de promoção da saúde. Deste modo, verifica-se a importância da implantação e manutenção dos grupos nas unidades básicas de saúde para a expansão das atividades de prevenção e promoção de saúde, pois as mesmas além de educativas são disparadoras de empoderamento dos indivíduos, e assim fortalecem seu papel social enquanto cidadãos e como agentes da própria mudança.

No entanto, as referências trazem alguns fatores que dificultam a realização dos grupos e a necessidade de superá-los de modo a produzir vínculo entre usuários e profissionais e para tanto reconhece-se a necessidade de investimento e incentivo aos grupos educativos.

Acredita-se que este trabalho venha a colaborar em intervenções que tenham como norteadoras as atividades coletivas, servindo como disparador para o reconhecimento do papel dos profissionais de saúde como colaboradores no processo de cuidado individual e coletivo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política Nacional de Atenção Básica**. 4ª ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **Caderno de educação popular e saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2007.

CANDATEN, A. E.; GERMANI, A. R. M. Educação em saúde: uma proposta educativo-reflexiva na formação do enfermeiro. **Revista de Enfermagem FW**, v. 8, n. 8, p. 192-207, 2012.

COELHO, M. O.; JORGE, M. S. B. Tecnologia das relações como dispositivo do atendimento humanizado na atenção básica à saúde na perspectiva do acesso, do acolhimento e do vínculo. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, v. 14, n.1, p. 1523-1531, 2009.

GURGEL, M. G. I.; ALVES, M. D. S.; MOURA, E. R. F.; PINHEIRO, P. N. C.; RÊGO, R. M. V.; PASSOS, M. L. L. Promoção da saúde no contexto da Estratégia de Saúde da Família: concepções e práticas da enfermeira. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v.15, n.3, p.610-615. Julho/set. 2011.

LEONELLO, V.M.; OLIVEIRA, M. A. C. Competencies for educational activities in nursing. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 16, n. 2, abr. 2008.

MAZZUCHELLO, F. R.; CERETTA, L. B., SCHWALM, M. T.; DAGOSTIM, V. S.; SORATTO, M. T. A atuação dos enfermeiros nos Grupos Operativos Terapêuticos na Estratégia Saúde da Família. **Revista O Mundo da Saúde**, vol. 38, n.4, p.462-472, 2014.

OLIVEIRA, M. B.; CAVALCANTE, E. G. R.; OLIVEIRA, D. R.; LEITE, C. E. A.; MACHADO, M. F. A. S. Educação em saúde como prática de enfermeiros na estratégia saúde da família. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste**; v.14, n. 5, p. 894-903, 2013.

ROECKER, S.; BUDÓ, M.L.D; MARCON, S.S. Trabalho educativo do enfermeiro na Estratégia Saúde da Família: dificuldades e perspectivas de mudanças. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 46, n. 3, p. 641-649, 2012.

SANTOS, L. M.; DA ROS, M. A.; CREPALDI, M. A.; RAMOS, L. R.. Grupos de promoção à saúde no desenvolvimento da autonomia, condições de vida e saúde. **Revista de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.40, n.2, p.346-52, abr. 2006.

SILVA, K. L.; SENA, R. R.; GRILLO, M. J. C.; HORTA, N. C.; PRADO, P. M. C. Educação em enfermagem e os desafios para a promoção de saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 62, n. 1, p. 86-91, jan/fev. 2009.